

TEOLOGIA, MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO PARA A PAZ

THEOLOGY, ENVIRONMENT AND EDUCATION FOR PEACE

TEOLOGÍA, MEDIO AMBIENTE Y EDUCACIÓN PARA LA PAZ

Luís Fernando Lopes¹

Ethannyn Mylena Moura Lima Constantino²

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre Teologia, Meio Ambiente e Educação para a Paz, considerando principalmente os fundamentos apresentados na Encíclica *Laudato Si'* do Santo Padre, o papa Francisco, publicada em 24 de maio de 2015. Para tanto, partimos de algumas considerações iniciais sobre a relação entre Teologia e Meio Ambiente, passando pela reflexão sobre educação e espiritualidade ecológicas, para logo abordar a relação entre Teologia, Meio Ambiente e Educação para a Paz. Os campos de reflexão — e consequentemente de ação do teólogo — expandem-se cada vez mais na atualidade. Nesse sentido, a relação entre Teologia, Meio Ambiente e Educação para a Paz vem ganhando uma importância fundamental, pois a vida na nossa casa comum demanda educação, cuidado, respeito, uma vez que, conforme ressalta o papa Francisco, somos constituídos corporalmente pelos elementos do nosso planeta. Esperamos que as reflexões apresentadas neste ensaio possam contribuir para o despertar da necessária consciência sobre o cuidado da nossa casa comum, a nossa mãe Terra, assim como para a pesquisa no campo teológico.

Palavras-chave: Teologia. Meio Ambiente. Educação para a Paz. *Laudato Si'*.

Abstract

This article aims to reflect on the relationship between Theology, Environment, and Education for Peace, mainly considering the foundations presented in the Encyclical *Laudato Si' of the Holy Father, Pope Francis*, published on May 24, 2015. To do so, we start from some initial considerations about the relationship between Theology and the Environment, going through the reflection on ecological education and spirituality, and then addressing the relationship between Theology, Environment, and Education for Peace. The fields of reflection — and consequently the theologian's action — are expanding more and more today. In this sense, the relationship between Theology, Environment and Education for Peace has been gaining fundamental importance, since life in our common home demands education, care, respect, and as Pope Francis points out, we are constituted bodily by the elements of our planet. We hope that the reflections presented in this essay can contribute to the awakening of the necessary awareness about the care of our common home, our mother Earth, as well as for research in the theological field.

Keywords: Theology. Environment. Education for peace. *Laudato Si'*.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre Teología, Ambiente y Educación para la Paz, esencialmente sobre la base de los fundamentos presentados en la Encíclica *Laudato Si'* del Santo Padre, el papa Francisco, publicada el 24 de mayo de 2015. Para ello, empezamos por algunas consideraciones sobre la relación entre Teología y Medio Ambiente, pasando por una reflexión acerca de la educación y la espiritualidad ecológicas, para luego tratar la relación entre Teología, Medio Ambiente y Educación para la Paz. Los campos de reflexión — y, en consecuencia, de acción del teólogo — se expanden cada vez más en la actualidad. La relación entre Teología, Medio Ambiente y Educación para la Paz ha venido adquiriendo importancia fundamental, por cuanto la vida en nuestra casa común demanda educación, cuidado, respeto, una vez que, de acuerdo con el papa Francisco, estamos constituidos corporalmente por los elementos de nuestro planeta. Esperamos que las reflexiones presentadas en este ensayo puedan contribuir para el despertar de la necesaria conciencia sobre el cuidado de nuestra casa común, nuestra madre Tierra, así como para la investigación en el campo teológico.

Palabras-clave: Teología. Medio Ambiente. Educación para la Paz. *Laudato Si'*.

¹ Licenciado em Filosofia. Bacharel em Teologia. Mestre e Doutor em Educação. Professor do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: luis.l@uninter.com.

² Bacharela e Licenciada em Filosofia. Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: ethannyn@gmail.com.

1 Introdução

Embora seja possível encontrar apontamentos sobre ecologia e meio ambiente ao longo da história da Igreja em documentos, na vida de grandes santos — como São Francisco de Assis, por exemplo —, é sobretudo no século XX, e mais especificamente a partir dos anos 1990, que a temática passa a integrar as chamadas teologias genitivas e fazer parte do cabedal de conteúdos que integram o cotidiano do fazer teológico.

Nesta perspectiva, este trabalho com características de ensaio, ciente dos limites que circunscrevem o contexto de seus autores, pretende refletir sobre a relação entre Teologia, Meio Ambiente e Educação para a Paz, considerando principalmente os fundamentos apresentados na Encíclica *Laudato Si'* do Santo Padre, o papa Francisco, publicada em 24 de maio de 2015.

Para dar conta do objetivo proposto, dividimos o texto em três tópicos interdependentes e complementares. No primeiro, procuramos analisar, ainda que sinteticamente, a relação Teologia e Meio Ambiente. No segundo, procuramos focalizar a relação entre educação e espiritualidade ecológicas.

Por fim, no terceiro e último tópico, abordamos a relação entre Teologia, Meio Ambiente e Educação para a Paz apontando caminhos para reflexões e ações que promovam um despertar sobre a importância de cuidar de nossa mãe e irmã Terra, nossa casa comum, que nos sustenta e de cujos elementos somos constituídos corporalmente.

2 Teologia e meio ambiente: considerações iniciais

Ao referir-se ao fato de que nada neste mundo é indiferente, o Papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si'*, relembra as contribuições de alguns de seus antecessores recentes acerca da temática do meio ambiente e relacionadas com o progresso da humanidade. Entre outras questões importantes, o Papa Francisco, citando Bento XVI³, chama a atenção para o fato de que “a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana” (BENTO XVI, 2009 apud FRANCISCO, 2015, 6, p. 6).

Nesse sentido, é fundamental uma tomada de consciência da humanidade de maneira geral sobre a importância do cuidado com a Terra, nossa casa comum. É a própria sobrevivência da humanidade, assim como a de todo o planeta que está em questão. A exploração, a degradação sem limites, a destruição, o desperdício dos recursos naturais do planeta não é só

³ BENTO XVI, Carta Enc. *Caritas in Veritate*, 51, 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 15 abr. 2020.

uma ofensa à criação divina, mas um atentado contra a humanidade e à vida na terra de maneira geral.

3 Educação e espiritualidade ecológicas

O termo ecologia foi cunhado pelo zoologista alemão Ernst Haeckel a partir do grego, *oikos* “casa, morada, habitação” e *logia* “estudo”, ou seja, a ciência que lida com a relação entre as coisas vivas e seus ambientes (ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY, 2020).

O papa Francisco, em sua encíclica *Laudato Si'*, inicia chamando a Terra de “nossa casa comum que se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços” (FRANCISCO, 2015, 1, p. 3).

E tal casa, onde habitamos como uma família unida por laços de fraternidade, deve ser devidamente mantida e cuidada, para o benefício de todos os que nela habitam. Essa é a verdadeira ecologia, a conservação e o trabalho pela benfeitoria de nosso lar comum, cedido pelo Criador, para a fruição e desenvolvimento humano. Como corrobora a *Encíclica*, ao mostrar a visão equivocada do mundo em que nós crescemos:

Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la (FRANCISCO, 2015, 2, p. 3).

Tal finalidade só pode ser alcançada por um meio e por um fundamento — uma educação e uma espiritualidade para ela voltadas. Essa educação necessariamente precisa ser voltada ao aproveitamento consciente e filantrópico dos recursos disponíveis, de modo que os que pouco possuem não sejam prejudicados pela ganância dos detentores do poder econômico, político e social.

Ela precisa ser ampla, garantindo um conhecimento que transcenda as experiências pessoais, e que estimule a empatia pela humanidade como um todo, e um respeito não apenas pelos humanos, mas também por todas as criaturas com as quais compartilhamos o mundo, mesmo os mais pequenos e desprezíveis.

Também precisa ser profunda, de modo que o conhecimento por ela adquirido nos permita deliberadamente escolher o melhor curso de ação, para nós e para nossos irmãos, dando-nos a sabedoria necessária para tanto, de modo que a solução por nós proposta não seja infrutífera nem traga consequências negativas imprevistas, causadas pela nossa própria ignorância.

Por sua vez, essa espiritualidade é aquela que reconhece os laços fraternais que unem toda a humanidade, enquanto filhos de um mesmo Criador, ou mesmo enquanto partícipes de uma mesma natureza, quase todos com um mesmo código genético, originário de uma só raiz genealógica, nossos ancestrais comuns mais recentes.

Ela se fundamenta na ética da reciprocidade, onde reconhecemos ao outro enquanto alguém digno de respeito na mesma proporção em que nós mesmos o somos. É o mandamento bíblico, “ama ao próximo como a ti mesmo” (BIBLÍA, Lev 19, 18b)⁴, que se encontra no centro do Livro Sagrado de umas das mais antigas religiões, o Judaísmo, e que se repete em todas as culturas ao redor do mundo, mesmo que o desrespeitemos em nossa falibilidade.

O papa Francisco nos recorda que a Bíblia contempla o ser humano enquanto e somente como ser humano, independentemente de suas associações religiosas, étnicas, entre outras, uma vez que o Criador tem um amor especial pelos seres humanos, cada um em sua individualidade, de acordo com São João Paulo II:

A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn* 1, 26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas. São João Paulo II recordou que o amor muito especial que o Criador tem por cada ser humano confere-lhe uma dignidade infinita (FRANCISCO, 2015, 65, p. 51).

A fé cristã está além de sua estrutura religiosa, isto é, encontra-se nos princípios cristãos o compromisso com a defesa da dignidade do ser humano e sobretudo do lugar em que vive, a nossa terra.

Todos aqueles que estão empenhados na defesa da dignidade das pessoas podem encontrar, na fé cristã, as razões mais profundas para tal compromisso. Como é maravilhosa a certeza de que a vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador, num mundo regido pelo puro acaso ou por ciclos que se repetem sem sentido! O Criador pode dizer a cada um de nós: «Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia» (Jr 1, 5). Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, «cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário» (FRANCISCO, 2015, 65, p. 51-52).

⁴ Vale notar que o princípio central do Judaísmo se resume nessa frase. “O famoso Hilel, o Ancião, ditou este preceito com outras palavras: ‘Não faças a teu companheiro o que não queres que te façam’. Este preceito se refere também ao não israelita. A Torá, que é fonte da justiça humana, não poderia ensinar amor para uns e vingança para outros. As palavras que designam companheiro, próximo e irmão, na Torá, são estas: *Rêa, Amit, Bem-Am e Ach*. Dentre estas, a que é suscetível de dúvida e que define somente “o israelita”, é a palavra *Ach*, cuja tradução literal é irmão. Vemos em muitos lugares da Bíblia este mesmo termo que foi empregado para designar qualquer homem: (...) Jacob chama de *Achim* (irmãos) aos pastores desconhecidos sem distinção de parentesco e nacionalidade: ‘Meus irmãos, de onde sois?’ (Gênesis 9:5). Por esta razão, não há dúvida alguma que a Torá, ao citar estes quatro termos, um após outro (vers. 17 e 18), quis designar com eles qualquer homem, sem distinção de raça, cor ou credo” (FRIDLIN, 2017, p. 348).

As palavras do papa Francisco nos mostram essa preocupação com a singularidade do indivíduo, a importância do papel de cada um na manutenção, no bem-estar e no ato de ser necessário no nosso planeta. Isto é, cada um deve se responsabilizar por seus atos e pelo seu impacto no ambiente.

A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este facto distorceu também a natureza do mandato de «dominar» a terra (cf. *Gn* 1, 28) e de a «cultivar e guardar» (cf. *Gn* 2, 15). Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (cf. *Gn* 3, 17-19) (FRANCISCO, 2015, 66, p. 52).

Esse conflito é devido à ruptura entre as três relações explícitas nas narrativas do *Gênesis*, a saber: “as relações com Deus, com o próximo e com a terra” (FRANCISCO, 2015, 66, p. 52). Essa ruptura se transforma em pecado, o que rompe com as estruturas relacionais dentro e fora de nós, manifestando-se nos conflitos e diversos tipos de violência.

Por isso, é significativo que a harmonia vivida por São Francisco de Assis com todas as criaturas tenha sido interpretada como uma sanção daquela ruptura. Dizia São Boaventura que, através da reconciliação universal com todas as criaturas, Francisco voltara de alguma forma ao estado de inocência original. Longe deste modelo, o pecado manifesta-se hoje, com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias formas de violência e abuso, no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza (FRANCISCO, 2015, 66, p. 52-53).

No *Gênesis* está dito que há um convite a “dominar” a terra (*Gn* 1, 28), termo que devemos interpretar como uma dominação consciente e cuidadora, no sentido de preservar e manter aquilo que nos foi presenteado, a natureza, fonte de nossa sobrevivência e a de nossos descendentes, isto é, das gerações futuras.

Enquanto «cultivar» quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, «guardar» significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras (FRANCISCO, 2015, 67, p. 53-54).

Assim, faz sentido dizer que “ao Senhor pertence a terra” (*Sl* 24/23, 1) e “a terra e tudo o que nela existe” (*Dt* 10, 14). Dessa forma, Deus nos tira toda pretensão de posse absoluta da terra. Essa responsabilidade com a terra, põe no ser humano o compromisso de cuidar e zelar por ela, pois lhe foram confiados os cuidados, para que sejam respeitadas as leis da natureza e que se mantenha o equilíbrio nas relações entre a natureza, Deus e os homens.

O *Catecismo* põe em questão, de forma muito directa e insistente, um antropocentrismo desordenado: «Cada criatura possui a sua bondade e perfeição próprias. (...) As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, reflectem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas» (FRANCISCO, 2015, 69, p. 55-56).

O papa Francisco traz em suas palavras a figura do Catecismo para ilustrar esse carácter desordenado e desequilibrado em que a sociedade vive; fala do uso e manutenção das riquezas naturais da nossa terra, uma vez que cada criatura tem o seu papel fundamental para manter as coisas em fluxo ordenado.

Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração (FRANCISCO, 2015, 202, p. 155).

De certa forma, poderíamos entender que o Pecado Original, do Catecismo Católico, seria essa perda de equilíbrio entre a humanidade e Deus, a humanidade e a natureza e a humanidade e ela própria. Uma educação e espiritualidade ecológicas seriam, portanto, um caminho para restaurar aquela condição inicial de harmonia. E esse é justamente o desafio que surge e que se faz necessário urgentemente em nossos dias.

4 Teologia, meio ambiente e educação para a paz

A harmonia ecológica que devemos ansiar e buscar continuamente deve iniciar-se com a paz interior, ou seja, com uma harmonia interna. Um adequado respeito por si mesmo e um estado de paz interior, é o que permite ao ser humano respeitar aos próximos, ao meio-ambiente e a Deus.

É interessante notar que a palavra hebraica *shalom*, paz, tem como raiz a palavra *shalem*, que significa algo íntegro e completo. Só podemos alcançar essa integridade ao reconhecermos nossas limitações e imperfeições, e nos alegrarmos nesse reconhecimento.

Tal é uma prática espiritual típica no Cristianismo, bem como em outras religiões. Nas palavras do papa Francisco:

A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a

dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres (FRANCISCO, 2015, 222, p. 169).

Entenda-se; trata-se de viver em concórdia e sintonia conosco, com as pessoas e com o mundo ao nosso redor, e assim, “contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada” (FRANCISCO, 2015, 225, p. 171).

Falamos aqui duma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante duma pessoa sem estar a pensar no que virá depois, que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude. Jesus ensinou-nos esta atitude, quando nos convidava a olhar os lírios do campo e as aves do céu, ou quando, na presença dum homem inquieto, « fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele » (Mc 10, 21). De certeza que Ele estava plenamente presente diante de cada ser humano e de cada criatura, mostrando-nos assim um caminho para superar a ansiedade doentia que nos torna superficiais, agressivos e consumistas desenfreados (FRANCISCO, 2015, 226, p. 171).

Mas para isso é necessário que não coloquemos nosso ego no lugar de Deus, pensando ser nossa subjetividade capaz de definir o bem e o mal, mas que, antes, aceitemos que existe uma moralidade que transcende a nossos desejos, prazeres e desprazeres.

Ao reconhecermos nossa posição no mundo, sem nos superestimarmos ou subestimarmos, alcançamos a paz interior, que silencia nossos impulsos e nos permite ouvir com maior atenção as palavras de amor que o Criador escreveu em sua obra; isto é, implica em um estilo de vida, como nos mostra o papa nas suas palavras:

O cuidado da natureza faz parte dum estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão. Jesus lembrou-nos que temos Deus como nosso Pai comum e que isto nos torna irmãos. O amor fraterno só pode ser gratuito, nunca pode ser uma paga a outrem pelo que realizou, nem um adiantamento pelo que esperamos venha a fazer. Por isso, é possível amar os inimigos. Esta mesma gratuidade leva-nos a amar e aceitar o vento, o sol ou as nuvens, embora não se submetam ao nosso controle. Assim podemos falar duma *fraternidade universal* (FRANCISCO, 2015, 228, p. 172).

Assim podemos viver naturalmente, cada momento, sem ansiarmos pelo que não possuímos, nem nos entristecermos pelo que perdemos, mas antes apreciarmos profundamente cada momento e cada experiência que temos, e todos e tudo aquilo com o que nos envolvemos.

É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos. Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento duma

verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente (FRANCISCO, 2015, 229, p. 172-173).

Esse ato de sentir que precisamos uns dos outros é justamente o que temos a necessidade de votarmos a sentir, como expressam as palavras do Papa citadas, pois, só assim, iremos reconhecer que vale a pena ser bons e honestos. Dessa forma, é preciso ter amor, e amor pela sociedade em que se vive, pois no amor há a expressão de gestos de cuidado. Só assim podemos falar de uma ecologia integral, a saber, essa harmonia entre as partes. Como mostra o exemplo de Santa Teresa de Lisieux:

O exemplo de Santa Teresa de Lisieux convida-nos a pôr em prática o pequeno caminho do amor, a não perder a oportunidade dum palavra gentil, dum sorriso, de qualquer pequeno gesto que semeie paz e amizade. Uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo (FRANCISCO, 2015, 230, p. 173).

O caminho do amor, se não é o único possível, é um dos mais viáveis para uma educação para a paz, pois ele é civil e político.

O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também «as macrorrelações como relacionamentos sociais, económicos, políticos» (FRANCISCO, 2015, 231, p. 173).

É preciso então revalorizar o amor social, que é a principal ferramenta para uma sociedade mais humana e estrategicamente harmônica, uma “civilização do amor”, como expressou o Papa Francisco, proposta apresentada pela Igreja.

O amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico: «Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos político, económico, cultural – fazendo dele a norma constante e suprema do agir». Neste contexto, juntamente com a importância dos pequenos gestos diários, o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma *cultura do cuidado* que permeie toda a sociedade. Quando alguém reconhece a vocação de Deus para intervir juntamente com os outros nestas dinâmicas sociais, deve lembrar-se que isto faz parte da sua espiritualidade, é exercício da caridade e, deste modo, amadurece e se santifica (FRANCISCO, 2015, 231, p. 174).

Assim, uma educação para a paz é promover o cuidado de si e dos outros e com o ambiente em que se vive, com a história que se transmite, com o bem comum, transformando as experiências espirituais do saber em um consciente coletivo de que devemos cuidar daquilo que Deus nos confiou, a nossa casa.

5 Considerações finais

Em vista do que foi apresentado até aqui, podemos considerar que nada faríamos além do que é necessário ao desempenhar nosso papel no mundo e cuidar daquilo que nos foi confiado. Somos parte de tudo o que integra o universo e, dessa forma, não podemos nos enxergar como seres isolados, mas como seres individuais e integrados a esse todo. Esse todo é a nossa casa comum, cujo cuidado o Criador nos confiou.

Educar para a paz é procurar despertar os indivíduos para fazer frente às destruições que estão sendo causadas à nossa casa comum; é preciso um despertar imediato para que as consequências que já estamos sofrendo e vivenciando não sejam ainda mais desastrosas para o lugar que nos foi confiado pelo Criador.

Para isso, é necessário entendermos, nas palavras de Francisco de Assis, que a Natureza, a Terra, é nossa mãe, como também é nossa irmã, e que somos todos irmãos dentro dela. Também, que para amar o próximo como a si mesmo é necessário amar-se como se é — sem superestimar nossa condição, colocando-nos no lugar de Deus, nem a subestimar, ignorando ou menosprezando nossa humanidade—. Esse é o nosso papel como guardiões responsáveis pela harmonia social e ambiental do nosso mundo.

Referências

BENTO XVI. **Carta encíclica: Caritas in Veritate** do Sumo Pontífice. 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 15 abr. 2020.

BÍBLIA. Português. **Bíblia online**. Versão Católica. [s.d.]. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/vc/index>. Acesso em: 16 mar. 2020.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'** do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum. 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 11 fev. 2020.

FRIDLIN, Jairo. **Torá: a lei de Moisés**. São Paulo: Editora Sêfer, 2017.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. **ecology (n.)**. 2020. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/ecology>. Acesso em: 28 mai. 2020.